



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS



A MONOTONGAÇÃO DE /EI/ NO MUNICÍPIO DE NOVA IGUAÇU

Guilherme Vieira da Silva Aguiar

RIO DE JANEIRO

2023

Guilherme Vieira da Silva Aguiar

A MONOTONGAÇÃO DE /EI/ NO MUNICÍPIO DE NOVA IGUAÇU

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientadora: Profa Dra Danielle Kely Gomes

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

A282m Aguiar, Guilherme Vieira da Silva
A monotongação de /ei/ no município de Nova
Iguaçu / Guilherme Vieira da Silva Aguiar. -- Rio de
Janeiro, 2023.
27 f.

Orientadora: Danielle Kely Gomes.
Trabalho de conclusão de curso (graduação)
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português
Literaturas, 2023.

1. Fonologia da Língua Portuguesa. 2.
Sociolinguística. 3. Variação Linguística. 4.
Monotongação. I. Gomes, Danielle Kely, orient. II.
Título.

Guilherme Vieira da Silva Aguiar

DRE: 117252643

A MONOTONGAÇÃO DE /EI/ NO MUNICÍPIO DE NOVA IGUAÇU

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Data de avaliação: ____/ ____/ ____

Banca Examinadora:

_____ NOTA: _____

Profa. Dra. Danielle Kely Gomes – Presidente da Banca Examinadora

Departamento de Letras Vernáculas – UFRJ

_____ NOTA: _____

Prof. Me. – Caio Mieirol Mendonça

Departamento de Letras Vernáculas – UFRJ

MÉDIA: _____

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Jailson e Francisca, a quem dedico todas as minhas conquistas, pelo incentivo e confiança na realização de tudo que eu alcancei e ainda almejo alcançar.

A minha irmã, Ana Beatriz, por estar ao meu lado em tantos momentos.

Aos meus avós, Severino (*in memorian*), Jandira e Lourival (*in memorian*), por terem participado da minha criação e serem base da minha família.

As minhas tias e primos, por todo o carinho e incentivo.

Aos meus amigos de vida, Clara, Luiza e Vítor, pelo colo e pelas risadas. E a minha grande amiga da graduação – e agora da vida –, Isabelle Pinheiro, por ter me acompanhado nos melhores “bandejões”, ter tornado os dias na faculdade um pouco mais agradáveis e por tantos outros "motivos que já nem sei".

Ao Michel, que chegou de surpresa já no final dessa jornada, pela força e pelo afeto e por me dar a certeza de que posso te chamar de parceiro. Só tinha de ser com você.

A Maria Eliandra, minha companheira de pesquisa da sala F-310, por ter estado ao meu lado em importantes momentos da minha trajetória acadêmica e pelas conversas no Café Literário.

A minha orientadora, Danielle Kely Gomes, por ter me convidado, em 2018, para ser seu orientando ao final da disciplina Fonologia da Língua Portuguesa. Agradeço, em especial, por todos os ensinamentos e pela confiança depositada em mim para realizar esta pesquisa.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pela bolsa de iniciação científica concedida, que foi fundamental para uma maior dedicação a este trabalho.

Aos professores que passaram pela minha vida e fizeram parte da minha trajetória para que eu chegasse até aqui. Em especial, aos professores da graduação em Letras por terem sido como faróis durante minha navegação por esses mares agitados e me mantido motivado ao longo de seus cursos.

E, por último, a Faculdade de Letras da UFRJ por ser minha casa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Verdadeiro ditongo	11
Figura 2 - Falso ditongo	11

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Condicionamentos analisados	19
Quadro 2 - Variáveis estatisticamente relevantes para a implementação da variante [e]	20

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos dados	20
Tabela 2 - Contexto subsequente ao ditongo	21
Tabela 3 - Contexto precedente ao ditongo	21
Tabela 4 - Classe morfológica e posição do ditongo no vocábulo	21
Tabela 5 - Mapeamento dos itens lexicais (197 types/palavras)	22

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Cruzamento entre as variáveis classe morfológica e posição do ditongo no vocábulo	22
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A MONOTONGAÇÃO DO DITONGO /EI/: REVISÃO DA LITERATURA	10
3 HIPÓTESES	13
4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	15
5. OBJETIVOS	17
5.1. Objetivos gerais	17
5.2. Objetivos específicos	17
6 METODOLOGIA.....	18
7 ANÁLISE DOS DADOS	20
7.1 Resultados gerais	20
7.2 Análise das variáveis relevantes	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS	26

*A língua é minha pátria
E eu não tenho pátria, tenho mátria
E quero frátria.
(Caetano Veloso)*

1 INTRODUÇÃO

A realização variável do ditongo /ei/ (peixe /pexe, feira/fera, queijo/quejo, treino/treno) foi – e ainda é – objeto de diversos estudos que se debruçam sobre o Português Brasileiro (Paiva, 1986, 1996, 2003; Bisol, 1989, 1994; Gonçalves, 1997; Lopes, 2002; Pereira, 2004, dentre muitos outros). Essas pesquisas, com base em diferentes *corpora*, buscaram revelar como se comporta o ditongo /ei/ em função de pressões linguísticas e sociais.

O processo de redução de ditongos se registra em fases pretéritas da história do Português. A realização variável dos ditongos decrescentes –/ai/, /ei/ e /ou/ – pode ser explicada fonologicamente através dos princípios que regem a formação de sílabas na língua. Bisol (1989) defende que tais ditongos variáveis seriam constituídos, na estrutura subjacente, apenas pela vogal nuclear, sendo a epêntese da semivogal um processo fonético resultante da assimilação de traços dos segmentos consonantais subsequentes ao ditongo.

De forma a descrever o comportamento variável de /ei/ em *corpora* sociolinguísticos mais recentes, este projeto se propõe – com base no arcabouço teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994), dos modelos fonológicos Autossegmental (CLEMENTS, 1985; MATZENAUER HERNANDORENA, 2001) e Métrico (SELKIRK, 1982; COLLISCHON, 2001; NESPOR ; VOGEL, 2007), a investigar a produtividade da regra de redução do ditongo em amostras representativas do Português Brasileiro, coletadas em uma área da zona metropolitana do Estado, o município de Nova Iguaçu. Os inquéritos utilizados na investigação pertencem ao acervo do projeto *Corporaport – Corpora de variedades do Português em análise* (disponibilizado online, através do endereço <http://corporaport.lettras.ufrj.br/>).

Para se cumprirem os objetivos deste trabalho, no capítulo 2, busca-se revisar o ditongo nas perspectivas de Camara Jr. (2019 [1970]) e Bisol (1989); em 3, apresenta-se as hipóteses levantadas para a condução desta investigação; no capítulo 4, conceitua-se o arcabouço teórico deste estudo; em 5, estipulam-se os objetivos norteadores da pesquisa; no capítulo 6, evidencia-se a metodologia empregada; em 7, discutem-se os resultados da análise estatística e, finalmente, no capítulo 8, tecemos as considerações finais.

Ressalta-se ainda que é importante o olhar sobre dados do Português Brasileiro porque os estudos mostram, de forma geral, que estamos diante de um processo de variação fortemente condicionado por variáveis de natureza linguística, sobretudo condicionamentos relacionados ao papel do contexto fonológico seguinte ao ditongo. Os estudos sobre aspectos da Fonologia do Português destacam a importância de observar a configuração do contexto estrutural em que

o ditongo se apresenta para maior compreensão dos fenômenos variáveis que afetam esse constituinte.

2 A MONOTONGAÇÃO DO DITONGO /EI/: REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, revisamos o tratamento apresentando por Camara Jr. (2019 [1970]) e Bisol (1989) para a estrutura fonológica do ditongo em Português.

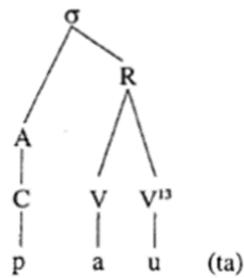
Segundo Camara Jr. (2019 [1970], p.71), o ditongo ocorre “quando a vogal, em vez de ser o centro da sílaba, fica numa de duas margens, como as consoantes. O resultado é uma vogal modificada por outra na mesma sílaba”, podendo os ditongos serem categorizados como crescentes e decrescentes. Isto posto, ditongos crescentes são aqueles formados pela sequência semivogal + vogal em que se sobressai a parte final (como em “quadra”); e ditongos decrescentes são aqueles formados por vogal + semivogal em que a parte inicial se sobressai (como em “queijo”).

O autor afirma que ditongos decrescentes são os verdadeiros ditongos, enquanto ditongos crescentes não são verdadeiros, pois constata-se que existe alternância na realização do segmento como hiato e como ditongo, como nas palavras “quiabo” [ki’abu ~ ’kyabu], “iate” [i’atI ~ ’yatI], “suar” [su’ah ~ ’swah] e “oeste” [o’ɛʃtʃi ~ ’wɛʃtʃi].

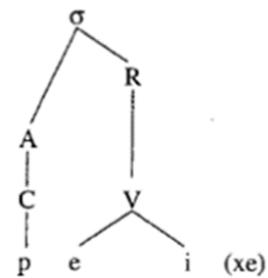
Ao descrever a estrutura da sílaba em Português, Camara Jr. (2019 [1970]) traz mais elementos para a reflexão sobre o estatuto fonológico do ditongo, defendendo a hipótese de que a sílaba que contém um ditongo decrescente se constitui como uma sílaba com o núcleo ramificado, composto por duas vogais. Na segunda posição do núcleo ramificado, o quadro vocálico se restringe à oposição entre as vogais altas anterior e posterior: pai/pau; sei/seu.

Bisol (1989) apresenta uma análise consistente sobre a Fonologia dos ditongos em Português, revisitando a análise em outros trabalhos (1994, 1999, 2012). Apesar da reflexão, na íntegra, ser de vital importância para a compreensão da estrutura do ditongo, focaliza-se a distinção que a autora apresenta entre ditongos “verdadeiros” e ditongos “falsos”, uma vez que essa diferença se vincula diretamente à possibilidade de variação entre ditongos e vogais simples em um mesmo contexto.

Ditongos verdadeiros são aqueles que, fonologicamente, ocupam duas posições no núcleo silábico: a posição de núcleo da sílaba é ocupada por duas vogais, sendo a segunda uma vogal alta. Esses ditongos, como – por exemplo – em p[aw]ta e r[ey]no, tendem a ser preservados. Por outro lado, os ditongos falsos seriam constituídos, fonologicamente, por apenas uma vogal no núcleo, sendo a segunda vogal, quando ocorre, fruto de um processo de “espraiamento” do nó vocálico da consoante subsequente ao ditongo. Esse espraiamento é variável (p[ey]xe /p[e]xe; b[ey]jo/b[e]jo).

Figura 1 - Verdadeiro ditongo

(BISOL, 1994, p. 132)

Figura 2 - Falso ditongo

(BISOL, 1994, p. 132)

Com base nas reflexões de Bisol, fica nítida a importância do controle do contexto fonético subsequente ao ditongo para a descrição dos processos de variação que afetam essa estrutura. No que se refere ao ditongo /ei/, especificamente, Bisol (1989) destaca o papel das consoantes fricativas palatais no ataque da sílaba seguinte na definição do ditongo falso. Diante de [ʃ, ʒ], “o glide é consequência da [consoante] palatal” na sílaba seguinte, não figurando na estrutura profunda. A presença de um tepe na sílaba seguinte também se configura como um contexto de variação (b[ey]ra/b[e]ra).

A literatura sobre a variação na realização do ditongo /ei/ é unânime em destacar que os contextos em que o ditongo precede as fricativas palatais / ʃ, ʒ / e tepe são as condições que mais favorecem a realização da forma monotongada. Contudo, essas três consoantes são tratadas como se atuassem em uma mesma direção, condicionando a realização de [e], (pe[ʃ]e, que[ʒ]o, fe[r]a). A nossa hipótese, desenvolvida adiante, é a de que a presença de tepe no contexto seguinte ao /ei/ é o contexto prototípico de implementação da variante monotongada. Assim, propomos que de fato a presença das fricativas palatais e do tepe é o condicionamento que atua de forma decisiva para a variação entre [ey] e [e]. Contudo, entre os dois contextos, o tepe seria o que efetivamente consolida a implementação de [e].

A monotongação de /ei/ diante da vibrante simples se observa em todos os contextos morfológicos e lexicais em que a estrutura figura, sejam nomes próprios (Per[e]ra, Siqu[e]ra), sejam nomes comuns (f[e]ra), seja em raízes (b[e]ra), seja em sufixos (jornal[e]ro, curand[e]ro). A hipótese que defendemos é que a realização de /ei/ como ditongo diante do tepe se configura como uma mera convenção ortográfica. Estudos que lidam com a variação entre [ey] e [e] na aprendizagem da escrita (ADAMOLI & MIRANDA, 2010; ADAMOLI, 2010, 2012; MACHADO, 2020) comprovam que a presença de tepe na sílaba seguinte ao ditongo é o contexto com que o aprendiz ainda tem dificuldade em registrar graficamente o ditongo, o que

pode comprovar a tese de que, diante do tepe, a manutenção de [ey] é convencionalizada ortograficamente.

Nesse sentido, a hipótese aqui delineada se alinha parcialmente a trabalhos como, por exemplo, o de Haupt (2011, p. 177), em que a autora, com base nos modelos da Fonologia de Uso e da Teoria dos Exemplares, defende que os itens lexicais com ditongo /ei/ seguidos de tepe e fricativas palatais já são “armazenados” no conhecimento linguístico dos falantes com a variante monotongada. Assim,

os contextos seguintes de tepe e fricativa palato-alveolar são os contextos favorecedores para a monotongação em sílabas abertas. Constatamos que a monotongação ocorre em todos os itens lexicais com esse contexto para os ditongos [ai] e [ei], independentemente da frequência de ocorrência, isto é, não conseguimos mais visualizar o efeito de frequência (a relação entre a frequência e a monotongação não foi significativa), uma vez que o fenômeno já está amplamente difundido nos contextos favorecedores. [...]. A Teoria dos Exemplares contribui para um entendimento melhor desse fenômeno: as nuvens de exemplares com o monotongo são mais robustas do que as com o ditongo [...]. Assim, com mais formas com monotongo armazenadas, o falante generaliza o seu uso para todos os itens lexicais em que se poderia ter um ditongo seguido de [j] e [ʒ].

Nossa proposta não deixa de considerar o efeito da frequência do item lexical em que ocorre o ditongo e os efeitos cognitivos derivados da frequência das palavras na consolidação da variante [e]. Entretanto, há também evidências de que, na variação entre [ey] e [e], os dois contextos fonológicos subsequentes que seriam os motivadores para a implementação da monotongação, estariam, em verdade, atuando em direções um pouco distintas.

Paiva (2003), em uma comparação em tempo real de curta duração (uma mesma comunidade investigada em dois momentos distintos, início da década de 80 e início dos anos 2000) e em um estudo do tipo tendência (alguns indivíduos gravados na década de 80 foram recontactados no início dos anos 2000) em dados fala popular da cidade do Rio de Janeiro, observa a manutenção de índices expressivos da variante monotongada no intervalo de 20 anos. Nas duas análises – estudo de painel e estudo de tendência – revelam-se alterações nos contextos linguísticos de implementação da monotongação: a redução se consolida diante da vibrante simples (b[ey]ra/b[e]ra), mas recua diante das fricativas palatais (b[ey]jo).

3 HIPÓTESES

Fica patente que os dois contextos indicados na literatura como próprios para a variação na realização do ditongo /ei/ estão, em verdade, sofrendo um processo de mudança. Portanto, a presença de tepe no ataque da sílaba seguinte ao ditongo se consolida efetivamente como o *locus* de implementação da variante [e], enquanto a presença de consoantes palatais na sílaba seguinte ao ditongo está se constituindo como um contexto de regressão de aplicação da regra de monotongação.

Deste modo, defende-se que, na norma do município de Nova Iguaçu, a implementação da variante [e]:

(a) está consolidada diante de um tepe no *onset* da sílaba seguinte (b[e]ra, pedr[e]ra, Siqu[e]ra);

(b) está em ligeiro recuo diante de consoantes palatais no *onset* da sílaba seguinte (d[ey]xa/d[e]xa, f[ey]jão/f[e]jão, S[ey]xas), ainda que a probabilidade maior, nesses contextos, seja de ocorrência de [e];

(c) é bloqueada diante de oclusiva velar sonora (r[ey]no) e nasal alveolar (l[ey]go), mas quando esses contextos figuram, respectivamente, nos itens lexicais *treino* e *manteiga* (e seus respectivos derivados), a monotongação do ditongo é altamente produtiva (tr[ey]no/tr[e]no, tr[ey]nador/tr[e]nador, mant[e]ga, amant[e]gado).

(d) é desfavorecida diante dos demais contextos fonológicos (perf[ey]to, qu[ey]mada, s[ey]va, l[ey], s[ey]s, el[ey]ção, m[ey]o).

As hipóteses delineadas em (c) e (d) já foram comprovadas em outros trabalhos que descrevem o processo de monotongação de /ei/. Nesse sentido, as reflexões apresentadas em Paiva (2003) revelaram-se como a motivação para a hipótese de que, no Português Brasileiro, a variação na realização de /ei/ se verifica em condições um pouco distintas das demais verificadas nas outras variedades em análise. Os contextos linguísticos de implementação da variante [e] são os mesmos nas variedades analisadas, mas há diferenças qualitativas entre as normas de uso no que se refere às condições que favorecem a realização da variante monotongada.

A escolha de Nova Iguaçu não é aleatória: é uma comunidade com traços sociodemográficos relevantes, áreas densamente populosas e com indicadores sociais particulares. Ainda que defendamos a hipótese de que a realização variável de /ei/ é um fenômeno intrinsecamente linguístico, esperamos que a comunidade investigada apresente um comportamento diferenciado em termos quantitativos de aplicação da regra de monotongação.

Podemos assumir que, em contextos sociais em que os falantes possuem escolaridade elevada, maiores são as probabilidades de ocorrência das formas mais próximas à escrita. Desse modo, é possível postular a tese de que em Nova Iguaçu os índices de monotongação são maiores, já que a região possui indicadores educacionais mais baixos.

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta proposta de investigação sobre a variação na realização do ditongo /ei/ em *corpora* orais representativos do município de Nova Iguaçu, nos valeremos dos pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança, propostos no trabalho seminal de Weinreich, Labov e Herzog (1968), e refinados posteriormente nos trabalhos de Labov a partir da década de 70, além de princípios teóricos vinculados à Fonologia Autossegmental (CLEMENTS, 1985; MATZENAUER HERNANDORENA, 2001) e à Teoria Métrica da Sílabas (SELKIRK, 1982; COLLISCHON, 2001; NESPOR ; VOGEL, 2007).

No que concerne à contribuição da Teoria da Variação e Mudança ou Sociolinguística Variacionista, entendemos que todos os sistemas linguísticos são caracterizados por uma heterogeneidade inerente, ordenada e sistemática. Uma das contribuições fundamentais do modelo foi o desenvolvimento de métodos rigorosos para a análise da diversidade linguística, métodos que possibilitaram a identificação de fenômenos variáveis, a apreensão dos padrões de variação em uma comunidade de fala e a relação direta entre os padrões variáveis e parâmetros sociais que caracterizam as comunidades linguísticas.

Como hipóteses de investigação, partimos do princípio, já delineado no capítulo anterior, de que os condicionamentos linguísticos, muito mais do que os sociais, são os que atuam na redução de /ei/ nos dados a serem analisados, sobretudo restrições relativas à natureza do contexto subsequente ao ditongo, à tonicidade da sílaba em que figura o ditongo, à posição do ditongo na palavra, à dimensão do vocábulo e à classe morfológica do item. Defendemos, assim como Paiva (2003), que a tendência a mudanças nos contextos estruturais de implementação da redução de /ei/ não está diretamente associada a restrições de ordem social.

A Teoria Autossegmental oferece aporte teórico a esta investigação porque assumimos que os segmentos fonológicos se constituem como uma estrutura complexa, composta por traços, que se organizam de forma hierárquica. Na implementação de regras fonológicas, esses traços podem atuar isoladamente ou em conjunto com outros traços que constituem o segmento.

Dada a relação hierárquica entre os traços que compõem um segmento, uma regra fonológica pode afetar um traço específico, o que está na base do princípio de “espraiamento de traços”, citado em 2, como a justificativa para a variação entre [ey] e [e] diante das fricativas palatais. Conforme Bisol (1989), nesse contexto, temos um ditongo “falso” porque, em verdade, a semivogal que pode se manifestar nesses ditongos é resultado do espraiamento do traço [vocalico] da consoante palatal no ataque da sílaba imediatamente seguinte a [e].

A Teoria Métrica também é um modelo teórico acionado nesta investigação porque reconhecemos, de acordo com a proposta de Selkirk (1982), que a sílaba, unidade em que incidem regras fonológicas, é constituída através de uma estrutura hierárquica, composta por um ataque (A) e uma rima (R) que, por sua vez, consiste em um núcleo (N) e uma coda (C). Em Português, a posição de núcleo sempre é preenchida por um segmento vocálico. As posições de ataque e coda são de preenchimento facultativo por um segmento consonantal. Nesta investigação, a consciência da estrutura hierárquica da sílaba é de fundamental importância para a compreensão do processo de espriamento de traços, que condiciona a realização variável de /ei/ quando, no ataque da sílaba seguinte ao ditongo, figuram o tepe e as fricativas palatais.

5. OBJETIVOS

Com base nos aspectos expostos anteriormente, pretendemos atingir, com esta pesquisa, os seguintes objetivos:

5.1. Objetivos gerais

- (a) contribuir para o conhecimento do Português Brasileiro, no que diz respeito a um fenômeno fonético-fonológico;
- (b) oferecer subsídios à discussão teórica sobre a estrutura da sílaba e o conhecimento da estrutura fonêmica do Português;
- (c) ampliar o espectro de análises de cunho variacionista das variedades do Português.

5.2. Objetivos específicos

- (a) analisar os processos fonológicos no âmbito da configuração das sílabas em Português;
- (b) descrever o processo de redução de ditongos em um *corpus* sociolinguisticamente organizado (estratificado de acordo com as variáveis sexo, escolaridade e faixa etária), recolhido em uma área da zona Metropolitana do RJ, o município de Nova Iguaçu;
- (c) verificar se há uma mudança qualitativa na atuação da variável contexto subsequente ao ditongo na implementação da variante [e] (redução categórica diante do tepe; variação nos demais contextos);
- (d) observar se, de fato, restrições sociais não são relevantes para a redução de /ei/.

6 METODOLOGIA

Tendo em vista as orientações metodológicas apresentadas pelo modelo da Teoria da Variação de base Laboviana, os dados analisados nesta investigação sobre a variação na realização de /ei/ no município de Nova Iguaçu serão submetidos a um tratamento estatístico, só possível pelo instrumental metodológico variacionista. O tratamento estatístico possibilita verificar e controlar quais são os fatores que condicionam a variação investigada.

Para a operacionalização das análises estatísticas na verificação do efeito de cada grupo de fatores, foi utilizado o pacote de programas estatísticos o GOLDVARB X, o programa fornece a frequência de cada variante, a distribuição das variantes pelos diferentes contextos e ainda os pesos relativos associados a cada fator.

Como este é um estudo do uso da língua, isto é, um estudo da língua utilizada em situações reais de interação, desenvolve esta investigação a partir da descrição de 2.257 dados recolhidos em 18 entrevistas gravadas entre os anos de 2007 e 2010, relativos a Nova Iguaçu.

O município da zona metropolitana do Rio de Janeiro, localizado na Baixada Fluminense é o maior da região, com extensão territorial de 508,95 km². A localidade possui limites geográficos com os oito municípios da região metropolitana do estado – Rio de Janeiro, Mesquita, Belford Roxo, Duque de Caxias, Miguel Pereira, Japeri, Queimados e Seropédica. De acordo com o Censo Demográfico do IBGE realizado em 2010, a população da cidade era, na ocasião, de 796.257 habitantes. O índice de desenvolvimento humano da cidade (IDHM)⁶ é de 0,713, o que confere ao município a classificação de uma zona de IDHM alto.

As mulheres correspondiam, em 2010, a 52,06% da população do município. Do ponto de vista etário, 69,09% dos habitantes se concentravam na faixa etária entre 15 a 64 anos de idade. Em termos da expectativa de anos de estudo, o tempo médio de escolarização é 9,25 anos, média ligeiramente superior à nacional (9,17 anos). Sendo assim, a escolha da localidade se mostra relevante para este estudo.

Os dados estão abrigados no âmbito do projeto *Corporaport – Corpora de variedades do Português em análise*, sediado no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLEV) e disponível na web no endereço <http://corporaport.letras.ufrj.br/>.

A análise do *corpus* foi conduzida a partir dos seguintes condicionamentos linguísticos: (i) contexto precedente ao ditongo; (ii) contexto subsequente ao ditongo; (iii) localização do ditongo na estrutura do vocábulo; (iv) posição do ditongo no vocábulo; (v); dimensão do vocábulo; (vi) classe morfológica; e (vii) tonicidade da sílaba. Além dos critérios

sociolinguísticos que norteiam a constituição da amostra na localidade: (i) sexo: seja masculino ou feminino; (ii) faixa etária: subdividida em faixa A (18 a 35 anos), faixa B (36 a 55 anos) e faixa C (mais de 56 anos); e (iii) nível de escolaridade: subdividida em nível 1 (fundamental), nível 2 (médio) e nível 3 (superior). Essas variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas podem ser vistas organizadas no quadro 1:

Quadro 1 - Condicionamentos analisados

Variáveis linguísticas	Variáveis sociais
Contexto precedente ao ditongo Contexto subsequente ao ditongo Localização do ditongo na estrutura do vocábulo Posição do ditongo no vocábulo Dimensão do vocábulo Classe morfológica Tonicidade da sílaba	Sexo Faixa etária Escolaridade

7 ANÁLISE DOS DADOS

7.1 Resultados gerais

A análise dos dados através do programa GOLDVARB X revelou que as variantes [e] e [ey] se distribuem de acordo com os padrões expressos na tabela 1:

Tabela 1 - Distribuição dos dados

variante	exemplo	apl/t
[e]	besteira [bej' tere]	686/2257 = 30,4%
[ey]	jeito ['zeyto]	1521/2257 = 69,6%

Como é possível observar na tabela anterior, a frequência bruta de monotongação mostra-se expressiva, com um índice de 30,4%. Por outro lado, houve a manutenção do ditongo em 69,6% dos casos.

7.2 Análise das variáveis relevantes

Para que seja possível analisar e explicar essas frequências, o quadro 2 apresenta as variáveis que se mostraram estatisticamente relevantes, favorecendo a monotongação do ditongo [ei].

Quadro 2 - Variáveis estatisticamente relevantes para a implementação da variante [e]

Variáveis selecionadas			
Contexto subsequente Contexto precedente Classe morfológica Posição do ditongo no vocábulo			
Apl/t	Input inicial	Input da melhor rodada	Significância da melhor rodada
686/2257 = 30,4%	.304	.161	.000

Das 10 variáveis postuladas, foram selecionadas apenas quatro linguísticas e nenhuma de natureza social. Para a realização de uma análise mais detalhada dos resultados, serão descritas, individualmente, as variáveis linguísticas selecionadas.

A tabela 2 retrata o resultado relativo ao contexto subsequente. Em relação a esta variável, a monotongação se mostrou altamente favorecida diante de tepe e das fricativas palatais. O que confirma o comportamento descrito em outros estudos, como em Paiva (2003).

Tabela 2 - Contexto subsequente ao ditongo

Contexto	Exemplo	Apl/T	PR
[r]	maneiro - [mã'neru]	521/532 = 97,9%	.996
[ʒ]	beijinho - [be'ʒĩɲu]	12/17 = 70,6%	.900
[ʃ]	queixa - ['keʃe]	114/181 = 63%	.783
pausa	falei - [fal'le]	1/36 = 2,8%	.114
<i>onsets vazios</i>	meio - ['meo]	35/1355 = 2,5%	.097

A tabela 3 expõe o resultado para o contexto precedente ao ditongo. Neste, os ataques vazios, as nasais e as oclusivas se mostram mais produtivas para a implementação da variante.

Tabela 3 - Contexto precedente ao ditongo

Contexto	Exemplo	Apl/T	PR
<i>onsets vazios</i>	capoeira - [kapu'erɐ]	10/14 = 71,4%	.821
[m, n, ŋ]	dinheiro - [dĩ'ɲeru]	318/459 = 69,3%	.746
[p,b, t, d, k, g]	carteira - [kah'terɐ]	222/525 = 42,3%	.712
[l, λ]	falei - [fa'le]	30/261 = 11,5%	.434
<i>onsets complexos</i>	pedreiro - [pe'dreɾu]	5/33 = 15,2%	.312
[f, v, s, z, ʃ, ʒ]	terceiro - [teh'seru]	88/824 = 10,7%	.300
róticos	barreira - [ba'herɐ]	13/141 = 9,2%	.200

Na tabela 4, abaixo, são retratados os resultados relativos à variável classe morfológica e posição do ditongo no vocábulo. Tais resultados indicam que a classe dos verbos é o contexto com maior probabilidade de aplicação da regra (.749). Contudo, do ponto de vista percentual, a monotongação – em verbos – se mostra pouco produtiva (12,1%). E, quanto à posição do ditongo, a monotongação se mostrou altamente favorecida (.726) no meio do vocábulo.

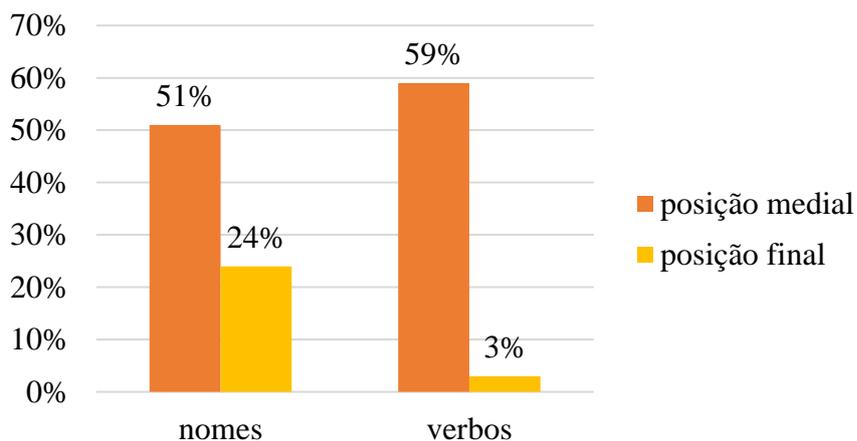
Tabela 4 - Classe morfológica e posição do ditongo no vocábulo

Classe	Exemplo	Apl/T	PR
verbos	deixar - [de'ʃa]	141/1169 = 12,1%	.749

nomes	inteiro - [i'tero]	545/1087 = 50,1%	.235
Posição	Exemplo	Apl/T	PR
medial	janeiro - [zã'nero]	650/1239 = 52,5%	.726
final	cheguei - [ʃe'ge]	36/1018 = 3,5%	.234

A fim de compreender a inversão entre os índices percentuais e os pesos relativos na variável classe morfológica e verificar em qual contexto a regra é mais produtiva, foi feito um cruzamento entre as variáveis classe morfológica e posição do ditongo no vocábulo que revelou que esse resultado é motivado pela alta concentração (59%) de verbos em posição medial, que favorecem mais a monotongação, ilustrado no gráfico a seguir.

Gráfico 1 - Cruzamento entre as variáveis classe morfológica e posição do ditongo no vocábulo



Na tabela 5, expõe-se uma parte do levantamento lexical realizado. É importante salientar que as palavras apresentadas tiveram, no mínimo, 10 ocorrências no *corpus* analisado. Esses dados tendem a reforçar os resultados da análise das variáveis fonológicas.

Tabela 5 - Mapeamento dos itens lexicais (197 types/palavras)

	Itens mais frequentes	Apl//T
1	dinheiro; dinheirinho	113/113 = 100%
2	primeira (-o/-mente);	91/91 = 100%
3	deixar; deixa; deixo; deixavam; deixando	62/62 = 100%
4	janeiro	39/39 = 100%

5	maneiro (-a)	27/27 = 100%
6	brasileiro (-a)	24/24 = 100%
7	feira	23/23 = 100%
8	inteiro (-a)	22/22 = 100%
9	mineiro(-o/-a/-s)	19/19 = 100%
10	financeira (-o, -mente)	12/12 = 100%
11	beijo; beijar; beijava	11/11 = 100%
12	comecei	3/19 = 15,78%
13	passei	1/13 = 7,69%
14	peguei	1/15 = 6,66
15	cheguei	1/22 = 4,54%
16	falei	7/182 = 3,84%
17	meio (-a); meio-dia	3/95 = 3,15%
18	fiquei	1/42 = 2,38%
19	sei	0/278 = 0
20	jeito	0/93 = 0
21	direito; direitinho	0/57 = 0
22	respeito; desrespeito	0/42 = 0
23	seis	0/38 = 0
24	prefeito; prefeitura	0/32 = 0
25	aceito; aceitar; aceitei	0/30 = 0
26	feito	0/25 = 0
27	veio	0/25 = 0
28	trabalhei	0/23 = 0
29	dei	0/15 = 0
30	gostei	0/15 = 0
31	parei	0/14% = 0
32	estudei	0/14 = 0
33	dezesseis	0/13 = 0
34	achei	0/13 = 0

Isto posto, podemos observar que os itens que apresentam índices altos e/ou categóricos de monotongação são itens em que o ditongo ocorre diante de tepe – com exceção do vocábulo “deixar” (linha 3) e variantes, nos quais o ditongo ocorre diante da palatal surda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas neste trabalho nos permitem tecer algumas considerações. Em primeiro lugar, na análise quantitativa, destacam-se os índices expressivos de redução do ditongo /ei/ (30,4%) na fala iguaçuana. Em segundo lugar, verificamos que apenas condições de ordem estrutural atuam no processo de implementação da variante [e] em Nova Iguaçu, não sendo relevantes para a análise as restrições sociais. Sendo assim, foi possível constatar as seguintes tendências:

(i) quanto ao contexto subsequente ao ditongo, variável mais relevante para a análise, os resultados mostraram que a variedade iguaçuana tende a se comportar como outras variedades do Português, ou seja, a regra de monotongação de /ei/ tende a ser aplicada diante do tepe e das fricativas pós-alveolares;

(ii) com relação ao contexto precedente ao ditongo, os ataques vazios, as consoantes nasais e as oclusivas se mostram mais produtivas para a implementação da variante;

(iii) no que concerne à classe morfológica, os dados mostram que há uma maior probabilidade de aplicação da regra em verbos. No entanto, do ponto de vista percentual, a monotongação se mostra pouco produtiva em verbos;

(iv) e quanto à posição do ditongo no vocábulo, a monotongação se mostrou altamente favorecida no meio do vocábulo.

Na análise qualitativa, que se refere à questão da influência do item lexical na implementação da monotongação, é possível observar que em palavras em que /ei/ está antes do tepe, a monotongação é categórica. Isso comprova a afirmação de Paiva (2003) sobre a implementação do processo nesse contexto.

Além disso, nos dados em que /ei/ precede as fricativas palatais – estruturas menos recorrentes no *corpus* – dois itens se destacam como contextos propícios à implementação de [e]: “deixar” e “beijo” e suas variantes.

Pretende-se, por fim, em etapas futuras, ampliar o *corpus* a ser investigado e investir na utilização de ferramentas estatísticas que permitam verificar a correção entre as variáveis de natureza fonética-fonológica e o léxico, tendo em vista que ainda há muito a ser investigado sobre o processo de monotongação dos ditongos decrescentes.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, M.P. Ditongos variáveis no sul do Brasil. In: AUTHIER-REVUZ, J. (org.) **Entre a transparência e a opacidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 101-116.
- ARAÚJO, M.F.R. Considerações sobre a monotongação do ditongo decrescente [ej] no dialeto de Caxias (MA). **Sínteses – Revista dos Cursos de Pós-Graduação**. vol. V, p. 45-58, 2000.
- ARAÚJO, A.A. *et. al.* Uma fotografia variacionista da monotongação do ditongo [ej] nos dados do projeto *Atlas Linguístico do Brasil*. **Migulim: Revista Eletrônica do Netlli**. v.6, n.2. 2017.
- ATLAS DIGITAL DO BRASIL 1 POR 1**. Disponível em http://mapasinterativos.ibge.gov.br/atlas_ge/brasil1por1.html. Acesso em: 25 de maio de 2020.
- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL**. Disponível em <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/>. Acesso em: 25 de maio de 2020.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A**, v.5, n.2, p. 185-224, 1989.
- BISOL, L. Ditongos derivados. **D.E.L.T.A**, v.10, n. especial, p. 123-140, 1994.
- BISOL, L. Ditongos derivados: um adendo. In: LEE, S. H. (Org.). **Vogais além de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.
- CÂMARA Jr, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2019 [1970].
- CLEMENTS, G.N. The geometry of phonological features. **Phonology Yearbook**. number 2, 1985. p.225-252.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (orgs.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, pp. 99-131.
- CRISTÓFARO SILVA, T; GOMES, C.A. Fonologia na perspectiva dos modelos de exemplares. In: GOMES, C.A. (org.). **Fonologia na perspectiva dos modelos de exemplares**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 13-36.
- CUNHA, C. Conservação e inovação no Português do Brasil. **O eixo e a roda**. Belo Horizonte, v.5: 199-230, 1986.
- DUARTE, M.E.L; PAIVA, M.C. A variação linguística e o papel dos fatores linguísticos. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, 1ª parte. 2011, p. 91-120.
- GONÇALVES, C.A. Ditongos decrescentes: variação & ensino. **Revista de Estudos da Linguagem**, v.6, n.5, p. 159-192, jan./jul. 1997.

HAUPT, C. Contribuições da Fonologia de Uso e da Teoria dos Exemplares para o estudo da monotongação. **Revista de Estudos da Linguagem**. v. 19, n. 1, jan./jun. 2011, p. 167-189.

LABOV, William. The study of language in its social context. In: _____. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. p. 183-259.

LOPES, R. **A realização variável do ditongo /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Belém: Universidade Federal do Pará, 2002.

MATZENAUER HERNANDORENA, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (org). **Introdução aos estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 11-89.

PAIVA, M. C. Supressão de semivogais em ditongos decrescentes. In: NARO, A. *et al.* **.Relatório final do projeto “Subsídios sociolinguísticos do Projeto Censo à Educação”**. Rio de Janeiro; Faculdade de Letras da UFRJ.

PAIVA, M.C. Nova abordagem de velhos fenômenos. **Boletim da Abralín 15**. 1994, p. 262-267.

PAIVA, M.C. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA E SILVA, G.; SCHERRE, M.M.P. (orgs). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 217-238

PAIVA, M. C. O percurso da monotongação de [ey]: observações no tempo real. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M.E. (orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003, pp. 31-46.

PEREIRA, G. **Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no português falado em Tubarão (SC): estudo de casos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. **Goldvarb2001**: a multivariate analysis application for Windows. 2001. Disponível em http://www.romanistik.unifreiburg.de/pusch/Download/variacionismo/GoldVarb2001_User_manual.pdf. Acesso em: 05 de abr. de 2018.

VEADO, R.M.A. Redução de ditongo - uma variável sociolinguística. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**. n. 9. Belo Horizonte: UFMG, 1983. p. 208-229.

WEIREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.